



**CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ELIANDRA BERNARDO DA SILVA

**ANÁLISE E DEBATE FUTEBOLÍSTICO: O BOTAFOGO-PB VENCE O
MARACANÃ**

**GUARABIRA- PB
2011**

ELIANDRA BERNARDO DA SILVA

**ANÁLISE E DEBATE FUTEBOLÍSTICO : O BOTAFOGO-PB VENCE O
MARACANÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Fabrício de Sousa Morais

GUARABIRA – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

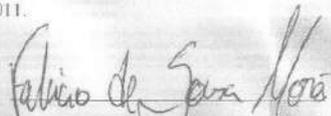
S587a	Silva, Eliandra Bernardo da
	Análise e debate futebolístico: o Botafogo-PB vence o Maracanã / Eliandra Bernardo da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011.
	23f.:il.
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.
	“Orientação Prof. Ms. Fabricio de Sousa Morais”.

ELIANDRA BERNARDO DA SILVA

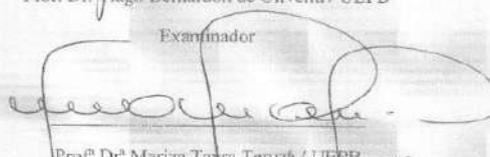
ANÁLISE E DEBATE FUTEBOLÍSTICO: O BOTAFOGO-PB VENCE O
MARACANÃ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura
em História.

Aprovada em 02/11/2011.


Prof. Ms. Fabrício de Sousa Morais / IFPB
Orientador


Prof. Dr. Tiago Bernardon de Oliveira / UEPB
Examinador


Prof.ª Dr.ª Mariza Teyra Teuzá / UEPB
Examinadora

ANÁLISE E DEBATE FUTEBOLÍSTICO: O BOTAFOGO-PB VENCE O MARACANÃ

BERNARDO, Eliandra Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar e debater alguns aspectos das construções simbólicas e identitárias formadas em torno do confronto realizado no Campeonato Brasileiro de 1980 entre o Clube de Regatas do Flamengo e o Botafogo Futebol Clube – **PB**. Desta maneira, o período que compreende o início dos anos 80 será abordado como sendo palco fundamental deste debate. Com isso, as relações que estas instituições esportivas estabelecem sobre seus espectadores são abordadas de maneira considerável; tendo como foco principal as propriedades representativas capazes de justificar as relações estabelecidas entre clube e torcedor através dos meios de comunicação de massa. Nesta ocasião o futebol vem se posicionar como influenciador das instâncias formadoras de crenças e ideologias, tendo em vista que estas propriedades são visualizadas como sendo um processo de construção gradativo. Com isso, os debates desenvolvidos ao longo desta produção têm como proposta promover um processo discurso de fundamental relevância no que diz respeito às abordagens trazidas pela nova história.

PALAVRAS-CHAVE: BOTAFOGO-PB.FLAMENGO.FUTEBOL

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: elyflamenguista_crf@hotmail.com

ANÁLISE E DEBATE FUTEBOLÍSTICO: O BOTAFOGO-PB VENCE O MARACANÃ

INTRODUÇÃO

O Brasil é categorizado como sendo um país de dimensões extensas, sendo possuidor de diversas manifestações culturais, seja na música, nas festas, ou no esporte. Desta maneira, o debate referente à simbologia remetida a esses aspectos vem ganhando espaço gradativo nas produções históricas; tornando-se, desta forma, foco de inúmeros debates.

Nas últimas décadas, por exemplo, o futebol conquistou representatividade significativa como disseminador de cultura fazendo com que o Brasil se tornasse mundialmente conhecido como “o país do futebol”. Entretanto, os tendenciamentos e os jogos de poderes que norteiam este tipo de modalidade esportiva, foram e são referenciais ainda presentes nos processos de legitimação do Estado enquanto nação. Partindo desta perspectiva, analisaremos as influências sofridas e remetidas por este tipo de instituição no que se refere a legitimação de seus dizeres.

Desta forma, será utilizado como foco principal de análise o período histórico que envolve o início dos anos 80, o qual compreende a fase da realização do campeonato brasileiro, onde confrontaram-se Flamengo e Botafogo da Paraíba.

A herança cultural que move o indivíduo em busca de um pertencimento sócio-cultural não foi perdida ao longo dos séculos, entretanto, modificou-se de acordo com as especificações e variações estruturais de cada tempo fazendo com que suas concepções na contemporaneidade se tornassem um constante conflito no que se refere aos questionamentos relacionados a esta identidade. Esta identidade, no entanto, perpassa pelo campo da memória onde este fenômeno é visto como algo que transpassa a idéia do individual e deságua na visão coletiva de construção dessas projeções.

Os fatos vividos são co-responsáveis pela estruturação psicológica de cada um dentro de um contexto sócio-cultural. A psicologia, dentre outras coisas, vem tratar de um

tema que abrange a questão da dependência social do indivíduo, neste caso a mesma apresenta estudos baseados em pesquisas e padrões onde o homem se posiciona como sendo um ser influenciado e influenciador. No livro **Psicologia Social**, Aroldo Rodrigues (1972, p.185) afirma que: “Não há dúvida de que a presença de outros influencia o comportamento de uma pessoa”.

Como foi salientado pelo autor, é notório que as questões do meio são capazes de introduzir uma relativa variação na forma de agir e pensar do ser humano, fazendo com que suas perspectivas sociais sejam consideradas flexíveis de acordo com a moderação dos seus viveres.

Em 1941 Dollard e Miller, no campo da psicologia, realizaram experimentos com o intuito de analisar a capacidade imitadora do ser humano, chegando à conclusão de que desde criança somos condicionados ao instinto imitativo. Entretanto, outras teorias como o fenômeno da identificação foram levantadas e defendidas por Graciliano (1971) onde o mesmo assegura que imitação e identificação diferem uma da outra, sendo que esta última categoriza-se como sendo de uma complexidade relevante em detrimento da outra.

Através de algumas colocações superficiais e preliminares no que se refere ao indivíduo e por meio do uso da psicologia social tem sido possível discutir e problematizar a construção identitária de alguns símbolos e representações nacionais, dentre elas as que dizem respeito à simbologia do sentido de ser torcedor no Brasil.

Uma pessoa é formada, principalmente, pelas vivências e aprendizados individuais e coletivos sendo que o poder da informação de acordo com Aroldo Rodrigues (1972) é capaz de promover uma reorganização cognitiva no que diz respeito à visão prévia que o indivíduo possui referente a uma determinada coisa, ou seja, a informação em si tem o poder de despertar novas possibilidades relacionadas aos viveres obtidos anteriormente pelo mesmo indivíduo.

A tecnologia da informação, por exemplo, é capaz de estabelecer padrões e promover a imagem de quase tudo que se refere ao mundo globalizado, fazendo com que a reprodução dos seus signos seja absolvida por milhares de pessoas, as quais reformulam gradativamente seus conceitos no que diz respeito ao objeto referenciado. Com o esporte é diferente, em meio a infinitos avanços tecnológicos, o eco produzido pela mídia e as telecomunicações são capazes de romper fronteiras provocando uma verdadeira “revolução” ideológica.

Se, de um lado, a informação globalizada –somada à massificação da cultura- retira a identidade individual, de outro, alimenta a busca de identificações. Desta forma assistimos, na era da globalização, a uma explosão de movimentos de afirmação de nacionalidades e de procura de identidade étnica, cultural e religiosa. (TERRA; AMORIM. 2005, p.74)

A sociedade de maneira generalizada possui uma inclinação considerável para o que chamamos de “história dos vencedores” na qual o indivíduo é direcionado para o caminho das reproduções “oficiais”, reproduções estas que são cristalizadas ao longo dos séculos de acordo com a seletividade rigorosa das produções históricas. Desta maneira, Karl Mannheim (1968) argumenta que:

As idéias expressadas pelo indivíduo são dessa forma encaradas como funções de sua existência. Isto significa que opiniões, declarações, proposições e sistemas de idéias não são tomados por seu valor aparente, mas são interpretados à luz da situação de vida de quem os expressa. (MANNHEIM. 1968, p. 82)

Desta forma, é notório o fato de que o indivíduo sofre influência do meio e da realidade social que o norteia, fazendo com que haja uma tendência em relação as suas concepções particulares no que se refere à visão de mundo. Levando em conta o fato de que a sociedade moderna é construída estruturalmente por uma gama de diversidades identitárias, podendo ser representada facilmente por um mosaico de dimensões variadas.

O mundo globalizado trouxe consigo não apenas o crescimento do capitalismo neoliberal, mas uma unificação internacional de culturas capazes de interagir dentro de um aspecto em comum chamado esporte. Os jogos Olímpicos e a Copa do Mundo são grandes representantes desta interação cultural praticada por vários povos na Terra. Em meio a toda esta representatividade que o esporte pode trazer a uma sociedade, o futebol se estabelece como sendo um dos ícones mais populares quando se trata de interação cultural. Sendo considerado como uma das maiores paixões que move os brasileiros, o futebol se tornou um esporte tão popular que hoje é categorizado como sendo o esporte mais praticado no mundo.

De acordo com Sidney Barbosa (2009), não se tem uma determinação expressamente definida no que diz respeito à origem histórica do futebol, tendo em vista que alguns historiadores descobriram vestígios da prática de jogos com bola em algumas civilizações antigas, porém o futebol que conhecemos hoje, com regras e determinações teóricas surgiu, provavelmente, na Inglaterra no século XIX. Em contrapartida quando se trata da origem do

futebol no Brasil existem várias teorias que estabelecem vertentes dicotômicas relacionadas a seu surgimento, no entanto, a mais disseminada é a teoria na qual o descendente inglês Charles Miller, ao regressar da Inglaterra em 1894, trouxe consigo a primeira bola de futebol e a partir daí propagou as regras e a maneira de jogar o esporte. Por ser de fácil execução o futebol se revestiu de uma popularidade e iminente aceitação popular.

O futebol não se classifica apenas como um esporte de interatividade; no Brasil o mesmo tem se destacado por intermédio de sua popularidade e tem assumido um papel de relevante notoriedade em termos sócio-culturais e de transmissão ideológica fazendo com que haja uma crescente emergência de debates relacionados aos mais diversos temas que englobam sua interação diante da sociedade.

Ao passar dos anos a modalidade que a princípio foi usada como uma forma de entretenimento entre seus apreciadores foi absolvendo regras e determinações teóricas, fazendo com que a profissionalização desta modalidade se tornasse um evento inevitável.

Em contrapartida, é impossível prevermos o que leva um indivíduo ou o conjunto deles a adotar determinados costumes e/ou atitudes capazes de ocultar sua individualidade pessoal em detrimento de uma coletividade, no entanto, a fidelidade que existe entre torcida e clube é analisada como sendo um contrato não jurídico entre ambos. Desta forma, a relação clube/torcedor é algo que perpassa a questão histórica ou científica, na verdade a relatividade dos estudos direcionados a este tema faz com que haja um abismo entre a explicação lógica e o que verdadeiramente acontece de fato quando se trata deste tema.

Marizabel Kowalski (2001, p.95) afirma:

Os torcedores são testemunhas da história do futebol, ligando-os ao passado, vivendo o momento presente, cujo predomínio é a paixão e a perspectiva do futuro título. Em contrapartida, o futebol oferece-lhes símbolos comuns, uma identidade coletiva e uma razão para a solidariedade numa comoção partilhada de ações e sentimentos, elaborando uma construção de conjuntura.

Antes mesmo que o futebol concretizasse sua profissionalização no Brasil, que de acordo com Guilherme Costa (2009) começou em 1916 (quando foi criada a Confederação Brasileira de Desportos -CBD), já havia uma grande inclinação referente a interatividade que o esporte provocava nas pessoas que o apreciavam. No Rio de Janeiro, por exemplo, as Regatas que a princípio eram palco de grandes eventos no mar, cederam espaço para o esporte de fácil entendimento praticado em terra firme, o futebol. Este, no entanto, foi

ganhando adeptos e apreciadores de maneira que vários clubes foram sendo criados. Com o surgimento desses novos clubes os recentes apreciadores do esporte tiveram que escolher o clube que melhor lhe agradasse e de forma natural foram surgindo as “torcidas”.

FLAMENGO E BOTAFOGO: DISTANTES E PARECIDOS

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha² no dia 28 de abril de 2010, o Clube de Regatas do Flamengo é considerado um dos times com o maior número de torcedores no país, possuindo 17% da preferência, aproximando-se apenas o Corinthians com o número de 14% no quadro geral.

Fundado em 1895, o Flamengo é um dos clubes mais antigos do Brasil. Na época de sua fundação a cidade do Rio de Janeiro e todo o país estavam passando por consideráveis transformações sociais, tanto no que se refere à estrutura como na questão política. De acordo com Ruy Castro (2001, p. 30), o clube rubro-negro surgiu quando a “República brasileira ainda usava fraudas”, naquela época o esporte favorito da elite carioca era o remo. Desta forma, a priori o Flamengo foi criado com o intuito de ser um Grupo de Regatas, o qual estabeleceu como “sede” uma casa por número 22 na Praia do Flamengo, a qual ficou conhecida como o ponto de encontro do grupo e demais apreciadores.

Nos seus anos iniciais o Flamengo não conseguiu êxitos nas regatas, mas ao passar dos anos melhorou seu desempenho no mar e foi conquistando admiradores e alguns “rivais”, a exemplo do Clube de Regatas Vasco da Gama; cuja rivalidade se estenderia posteriormente para o futebol. Com isso, quando o futebol começou a ser disseminado no Rio de Janeiro sua popularidade era mínima, principalmente por ser considerado um “esporte” das elites.

Apenas anos mais tarde é que sua difusão se estendeu de maneira que começaram a surgir os primeiros Clubes de Futebol no Brasil: “De repente, em 1900, já havia tanta gente jogando futebol no Rio que até os colégios passaram a difundir sua prática”. (CASTRO. 2001, p.44)

Ainda de acordo com Ruy Castro (2001), foi apenas em 1902 que os primeiros Clubes de futebol foram sendo criados; um desses primeiros Clubes foi o Fluminense, o qual

² disponível no site <http://datafolha.folha.uol.com.br/>

anos mais tarde perderia vários jogadores para o então Flamengo. Desta forma, por meio de consenso entre os jogadores que abandonaram o Fluminense, foi decidido propor ao Clube de Regatas do Flamengo a abertura de uma seção de futebol. De início, os rubro-negros resistiram à idéia de misturar o remo popular com futebol elitista, entretanto, por possuírem uma considerável afinidade associativa com o Clube do Fluminense, no Natal de 1911, foi acordada a criação da seção de futebol.

Rapidamente o Flamengo recebeu jogadores de vários lugares e logo estava formada sua equipe; em consequência surgiram também novos adeptos e associados. Por ser um Clube de remo e ainda não possuir estrutura física para realizar os jogos de futebol o Flamengo teve que jogar em um “campinho” público cedido pela prefeitura na Praia do Russell. Helal (1992, s/p.), em seu artigo relata que este fato foi fundamental para o crescimento da popularidade do time e afirma: “Talvez a explicação mais plausível encontra-se no fato de que o Flamengo, em um dado período da história, treinava em campo aberto, permitindo à população um contato mais próximo com os atletas, levando o jogo para o ‘homem comum’”. Este fato naturalmente não explica a popularidade do time rubro-negro, mas abre um leque no que diz respeito às possibilidades que nos levam a um melhor entendimento no que diz respeito ao assunto.

Apenas em 1912 o Flamengo estreou no Campeonato Carioca. Nesta oportunidade o rubro-negro usou uniforme nas cores vermelho e preto, no entanto, não utilizou o mesmo modelo usado nas competições de remo. A partir daí o Flamengo não parou mais, conquistando anos mais tarde (1914) seu primeiro campeonato no Rio de Janeiro e posteriormente uma gradativa adesão de torcedores.

A literatura e a mídia contribuíram de maneira considerável para que houvesse uma cristalização relacionada ao enaltecimento do time rubro negro se comparado aos demais times que surgiram no século XX. De acordo com Marizabel Kowalski (2001) toda a trajetória de jogos e vitórias que o Flamengo carrega não são suficientes para explicar tamanha popularidade em detrimento aos demais clubes brasileiros. Desta forma, e bem verdade que a construção ideológica em torno do Flamengo foi um processo alcançado gradativamente.

A mídia e até mesmo os próprios adversários do flamengo contribuíram para que houvesse uma construção do imaginário ideológico que norteia o time. Em sua tese Marizabel Kowalski (2001, p.58) afirma de maneira considerável que: “Enfrentar o Flamengo é tentar destituí-lo da “aura” que envolve toda a construção do irreal relegada ao

clube pela sua popularidade, em que o centro da conjuntura está tão-somente na continuação, na reafirmação do mito”.

Para Eric Hobsbawm (1997), a “invenção das tradições” no contexto histórico é considerada como sendo um campo relativamente desconhecido para os historiadores, sendo que não há um ponto fixo para estabelecer conclusões, tendo em vista que algumas dessas tradições são “criadas” de maneira subjetiva.

Contudo, foi na década de 1980 que o Flamengo tornou-se um dos times mais representativos do Brasil em termos de popularidade e desempenho positivos em jogos disputados, conseqüentemente foi contemplado com uma infinidade de torcedores, tornando-se foco dos mais diversos tipos de literatura e disseminação publicitária.

A década de oitenta foi onde o flamengo gozou da chamada “Era de Ouro”, na qual obteve conquistas importantíssimas como, por exemplo, o campeonato brasileiro de 1980 e o mundial de clubes no ano seguinte, sendo consagrado um dos primeiros times brasileiro a vencer um campeonato mundial. Esta época foi período de atuação de grandes ídolos do Flamengo como e o caso de Zico, Raul, Leandro, Mozer, Rondinelli, Júnior, Andrade, Adílio, Júlio César, Tita, Nunes e Lico jogadores estes que marcaram carreira no clube.

Entretanto, décadas depois do surgimento do Clube rubro-negro no Rio de Janeiro, surge na Cidade de João Pessoa - PB o Botafogo Futebol Clube, tendo como data de sua fundação o dia 28 de setembro de 1931. Igualmente ao Flamengo, o Botafogo-PB surge em um período de mudanças históricas para o país; neste momento estava acontecendo no Brasil o fim do revezamento das principais oligarquias políticas, Minas Gerais e São Paulo, conhecida como República oligárquica, acrescido do calor ainda presente da “Revolução” de 30.

De acordo com o site oficial do Clube³, o Botafogo da Paraíba surgiu a partir da iniciativa de vários amigos (Beraldo de Oliveira, Manoel Feitosa, Livonete Pessoa, José de Melo, Edson de Moura Machado e Enoc), que através de uma Assembléia na Rua Borges da Fonseca nº45 no Bairro do Roger, decidiram fundar um Clube denominado Botafogo. Por não possuírem recursos disponíveis para arcar com as dívidas iniciais de tal projeto, o então recém fundado clube contou com o auxílio da Sr^a Sebastiana de Oliveira, a qual era mãe de Beraldo de Oliveira, fundador e primeiro presidente do clube.

³ Disponível em: www.botafogodaparaiba.com.br

Um ano depois de sua fundação, o clube ingressou na então Liga Suburbana onde disputou a decisão da mesma em partida contra o São Bento, nesta ocasião conquistou apenas um empate, mais foi o suficiente para garantir o título ao Botafogo. Após este fato, o clube filiou-se a Liga Desportiva Paraibana e realizou novas contratações com o intuito de montar uma equipe competitiva.

Com os novos reforços o Botafogo-PB conquistou inúmeros títulos estaduais, fazendo com que sua representatividade se tornasse notável entre os times paraibanos. Entretanto, foi apenas em 1980 que o alvinegro ganhou destaque nacional quando disputou o campeonato brasileiro daquele ano em confronto contra o Clube de Regatas do Flamengo.

De acordo com Sanderson C. Oliveira (2005), o contexto histórico de 80 no Brasil nos reporta a mudanças expressivas principalmente no âmbito econômico tendo em vista que o país rompia com um ascendente crescimento e declinava em uma crise que refletia a sensibilidade da nação quando se tratava do capital financeiro que a mesma possuía.

Desta forma, o reflexo desta situação se estendeu por todo território nacional, inclusive na Paraíba. Nesta ocasião no âmbito dos esportes, os brasileiros prestigiavam a gradativa ascensão do futebol, modalidade esta que ganhava cada vez mais adeptos. Em 1980 vários torneios e campeonatos estavam sendo realizados simultaneamente dentre eles o campeonato brasileiro, que, naquele ano, foi palco de uma disputa representativa para os apreciadores do futebol.

Naquela época, a transmissão da maioria dos jogos se dava por meio das ondas sonoras do rádio. De acordo com Ednelson Florentino (2008, p. 60) o rádio começou a ser difundido no Brasil por volta da década de 1920, tornando-se um importante disseminador do futebol em todo território nacional: “A relação entre esporte e rádio começou ainda na década de 1920, mas se firmou na década seguinte, 1930, com as primeiras transmissões esportivas, o que é considerado, por muitos, fator importante para transformar o futebol em esporte de massa”.

Este aparelho foi responsável por propagar idéias, notícias, informações, entretenimento e os mais diversos temas possíveis, sendo possuidor de uma capacidade de estreitar distâncias em um período em que a tecnologia da informação caminhava rumo a um avanço progressivo. A Paraíba, por exemplo, sofreu uma grande influência no que se refere à disseminação e construção ideológica dos times estrangeiros por meio das ondas sonoras do rádio, tendo em vista que este era um dos poucos veículos de informação que se direcionava um grande número de espectadores na época.

Quando se trata desta disseminação em massa de cultura, existe uma diferença expressiva entre alguns clubes de futebol no Brasil. Desta forma, existe uma grande abismo que separa o Clube de Regatas do Flamengo e o Botafogo Futebol Clube, e este distanciamento não se trata apenas de uma questão técnica que estabelece os dois times como sendo pertencedores de patamares divergentes, trata-se principalmente da construção histórica que norteia ambas as equipes. Quero dizer com isso que a construção histórica e ideológica que foi estabelecida em torno dos mesmos seguiu vertentes distintas, sendo, desta maneira, possuidora de um grande poder de persuasão no que remete aos indivíduos.

De acordo com Le Goff (2003, p. 529), o fato efetivamente ocorrido diverge de sua materialização por intermédio da seletividade histórica:

A seletividade que é realizada por intermédio das construções históricas é capaz de sugerir uma inter-relação entre o fato e a cristalização deste mesmo em forma de documento que a priori serve como fundamentação teórica para alguns acontecimentos.

Esta seletividade histórica tratada por Le Goff vem posicionar-se de maneira representativa no que se refere aos fatos que deliberadamente nortearam a construção histórica dos dois clubes. De acordo com o mesmo, os fatos efetivamente acontecidos nem sempre são reproduzidos da maneira como “verdadeiramente” aconteceram, sendo transpassados por inclinações e intencionalidades relativas à sua produção documental. Desta forma, torna-se flexível a maneira como indivíduos distintos podem apreciar o mesmo acontecimento.

A história possui uma seletividade, a qual pode sofrer com a parcialidade dos historiadores; sendo necessário que haja uma visão crítica referente aos demais acontecimentos que por ventura tendem a surgir. Com isso é de bastante relevância a visão de Sandra Pesavento (2004, p. 65) no que concerne a metodologia do historiador enquanto “cristalizador” de fatos quando a mesma relata que “sem dúvidas, o historiador se apóia em textos e imagens que ele constrói como fontes, como traços portadores de significado para resolver os problemas que se coloca para resolver”

Desta forma, é necessário levar em conta que da mesma maneira que os acontecimentos sofrem seletividades para que venham a “transformar-se” em fatos históricos; estes mesmos acontecimentos são acrescidos de uma subjetividade que deve ser considerada.

A PARTIDA

No campeonato brasileiro de 1980, dentre os vários jogos que seriam disputados, existiu um em especial marcou a história do time carioca como uma das maiores “zebras” da trajetória do Clube de Regatas do Flamengo. Este fato aconteceu justamente na década de 80, especificamente no período em que o clube rubro-negro gozava de uma de suas melhores performances, senão a melhor de toda a sua trajetória no futebol nacional.

O confronto realizado neste campeonato brasileiro entre o Clube de Regatas do Flamengo e o Botafogo da Paraíba serviu para destituir o misticismo que imputava ao clube rubro-negro o título de equipe praticamente invencível. Tendo em vista o fato de que ao longo da trajetória deste clube, foi erguida uma gradativa construção histórica que Eric Hobsbawm chama de “tradição inventada”, a qual o mesmo a define como:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBSEW. 1997, p.09)

Através dessa construção boa parte do país ecoou uma continuidade dos discursos que repetidamente eram reproduzidos pelo rádio, jornais e demais meios de comunicação em massa; o que fazia com que o clube carioca fosse apreciado como sendo um clube de expressiva representação.

Entretanto, com a definição do iminente confronto, a Paraíba “parou” para prestigiar o jogo que entraria para a história do clube paraibano; não pela vitória, já que naquele momento não existia expectativa para esta possibilidade, mas por estar entrando em campo contra o clube mais “badalado” do momento. É bem verdade que, naqueles dias, enfrentar o flamengo era como enfrentar a própria seleção brasileira.

Os dias que antecederam esta partida foram dias em que os jornais impressos bombardearam os paraibanos com manchetes relacionadas ao assunto. No âmbito esportivo não se falava em outra coisa, a não ser no “espetáculo” que aconteceria em pleno Maracanã. Naquele momento nem os torcedores mais otimista do “Belo” poderiam imaginar uma vitória sob o Flamengo de Zico. Isto se afirma em um dos enunciados do jornal paraibano **A**

União onde Tarcísio Neves (1980 s/p) relata que “Vencer o Flamengo é uma hipótese fora de cogitação do Botafogo, pois trata-se de uma tarefa difícilíssima. Mas empatar o jogo não está fora de lógica”. Na base sob a qual o clube rubro-negro foi erguido, não havia espaço para encaixar uma derrota naquela ocasião, principalmente se esta derrota fosse contra um clube como o Botafogo-PB, o qual não possuía uma repercussão nacional tão imponente quanto o Flamengo.

Com isso, a tradição que o clube do Rio de Janeiro trazia consigo, imputava-lhe atributos capazes de estabelecer-lhe como o favorito isolado daquela partida. Naquele campeonato o Flamengo entrava em campo com uma equipe considerada histórica; equipe esta que posteriormente gravariam seus nomes na trajetória de títulos rubro-negros.

De maneira contrária o Botafogo Futebol Clube não gozava da mesma construção histórica que seu adversário, conseqüentemente também não trazia em sua bagagem um número considerável de vitórias e títulos nacionais. No entanto, apesar do pessimismo de muitos, o “Belo” entrou em campo com um único objetivo: jogar até o último minuto, mesmo que fosse para tentar apenas um empate.

Loucos, mil vezes loucos. Vencer o Mengão no Maracanã? Queiras! Mas um empate pelo menos? Seria muita colher de chá do super-Flamengo! É esse o clima que neste momento envolve o torcedor paraibano e mexe com os nervos do torcedor botafoguense. (NEVES, Tarcísio. 1980, s/p)

A forma como o jornal paraibano da época tratava este evento, refletia diretamente na maneira como seus leitores apreciavam a singularidade desta partida. Tendo em vista que nesta ocasião a Paraíba estava gozando de uma considerável representatividade no âmbito nacional através do clube do Botafogo.

Em março de 1980 o jornal paraibano **A União** divulgou nota na qual os dirigentes do clube botafoguense estavam oferecendo aos jogadores uma gratificação especial de 10 mil cruzeiros para vencer o Flamengo. Este incentivo instituído aos jogadores do alvinegro categorizava a extensão da importância que esta partida simbolizava para o clube do “Belo”. Dessa forma, o mito que foi construído em torno da invencibilidade rubro-negra estabelecia-o como um alvo quase insuperável, principalmente quando se tratava de uma partida disputada no campo do grandioso estádio Maracanã. Raoul Girardet (1987, p. 14) trata da relação mitológica imputada a determinado fato e a associa com o sonho:

Como o sonho, o mito se organiza em uma sucessão, seria melhor dizer em uma dinâmica de imagens e, não mais que para o sonho, não poderia ser questão de dissociar as frações dessa dinâmica (...). Como o sonho ainda, o mito não pode ser acabado, definido, encerrado em contornos precisos senão em consequência de uma operação conceitualizante obrigatoriamente redutora, que sempre arrisca a traí-lo ou a dele dá apenas uma versão empobrecida, mutilada, destituída de sua riqueza e de sua complexidade.

Independente de toda questão mítica que envolvia este acontecimento, existiam dois fatos extremamente relevantes que não poderiam deixar ser considerados; em primeiro lugar o Flamengo tinha uma das melhores equipes do futebol nacional da época, em segundo, sua equipe jogaria em casa (no Maracanã), em um dos maiores estádios do mundo. Se a questão mitológica não influenciava o desempenho do clube paraibano, estas questões, anteriormente citadas, normalmente mexiam com o equilíbrio emocional dos jogadores.

De maneira alegórica era como se existisse um duelo entre Davi e Golias, e da mesma forma como relata a Bíblia Sagrada (I Samuel p.264), era de se esperar que o mais forte vencesse, mas nas duas ocasiões (no campo e na Bíblia) não foi o que efetivamente aconteceu. Golias e Flamengo possuíam algo em comum, ambos gozavam de uma fama imensurável; já o Botafogo da Paraíba se assemelhava alegoricamente a Davi, tendo em vista que os mesmos eram caracterizados como “guerreiros” de pouca amplitude sendo menosprezados por sua aparente inferioridade diante de seus adversários.

No dia anterior a partida, o clima era de tensão para os paraibanos e de despreocupação para os cariocas, muitos torcedores já encontravam nesta partida a garantia de dois pontos para o time rubro-negro, no entanto, não imaginavam que o Botafogo-PB pudesse surpreender em campo:

É um tremendo susto para os torcedores paraibanos, saber que o quase desconhecido Botafogo paraibano terá de enfrentar um leão vermelho e preto – o super time que explode o Maracanã nas maiores tardes de glórias cariocas. Que os deuses do futebol ajudem ao Botafogo, diz um torcedor vexado antes do apito inicial do grande jogo – para um Botafogo, é claro, porque para o Flamengo trata-se de dois pontos garantidos na taça de ouro. (**A União**. 1980, s/p)

O recorte apresentado pelo jornal estabelece uma imposição de valores imputados ao clube que se estabelece como sendo um recurso de repetição constantemente utilizado nas

propostas de disseminação ideológica. Neste caso o Flamengo é apresentado como o “leão” – ícone de força e grandiosidade – em detrimento do clube paraibano que nesta oportunidade recebe o direcionamento secundário no papel de clube possuidor de reduzida representatividade.

Entretanto, a imprevisibilidade do futebol ecoou com maior intensidade em detrimento de toda construção histórica formulada ao longo dos anos em torno do Flamengo. De acordo com Borges (1994) a história não se comporta de maneira linear e por isso não há como prever um futuro exato baseando-se apenas em acontecimentos que compuseram o passado.

No dia 06 de março de 1980, Flamengo e Botafogo-PB entraram em campo para disputar a partida referente à primeira fase do Campeonato Brasileiro do corrente ano. Entretanto, de acordo com o jornal paraibano **A União** (1980) as perspectivas favoráveis ao Flamengo começavam a tornar-se descabidas no momento em que o Botafogo Futebol Clube abriu o “marcador” aos 4min do primeiro tempo com Soares. Com isso, o Flamengo tentou buscar resultados e empatou o jogo com gol de Tita; momentaneamente para decepção dos torcedores botafoguense o rubro-negro se deparou com um domínio aparente da partida, domínio este que de acordo com o noticiário esportivo do jornal **A União** (1980, s/p) terminaria em breve:

Enfim, o sonho aconteceu: Nicássio ganhou uma bola dividida com Zico, passou por Evilásio, este triangulou para Zé Eduardo e na saída de Raul ele atirou forte contra a meta do Flamengo, dando cifras definitivas ao placar do Maracanã: 2 a 1, quando eram decorridos 36 minutos do segundo tempo.

Ao soar do apito final, o que parecia irredutivelmente impossível aconteceu: “O Império caiu”. O “glorioso” Clube de Regatas do Flamengo foi derrotado por um time paraibano em pleno Maracanã. A utopia que até então não possuía fundamentos para acontecer se tornou real.

No dia 07 de março de 1980, o mesmo jornal divulgou a seguinte manchete em sua capa: **Botafogo Vence o Maracanã**. Para os paraibanos, não foi apenas uma vitória sobre o Flamengo enquanto clube, mas sobre todo o estádio, que naquele momento representava de maneira simbólica a “nação” rubro-negra. Contudo, posteriormente esta vitória teria um

“sabor” mais instigante, tendo em vista que neste mesmo ano o Flamengo se consagraria campeão brasileiro de futebol.

Figura 01 - Partida entre Flamengo e Botafogo-PB pelo Campeonato Brasileiro



Fonte: A União. 1980, s/p

Após a chegada da delegação paraibana as comemorações adentraram a madrugada; centenas de pessoas esperaram nas ruas a presença dos jogadores. Nesta ocasião os jogadores do Botafogo-PB foram recebidos como heróis, e após a inesperada vitória os noticiários mudaram o discurso sobre o alvinegro. Não existia mais pessimismo em relação ao clube, o que predominava entre as centenas de expectadores era a “falsa” demonstração de “eu já sabia”!

A cidade inteira parou às 13h30 min, para receber o Botafogo. Uma verdadeira loucura. Nunca um fato desses aconteceu no futebol paraibano. A vitória do Botafogo sobre o Flamengo, quinta-feira, no Maracanã, fez com que a torcida lhe reservasse um carnaval em pleno dia sete de março. Uma incontável fila de automóveis tomou conta da BR-101 [...] Afinal, foi um marco para a história do Botafogo e do próprio Flamengo: o time paraibano em toda sua história foi o único a derrotá-lo no Maracanã. (NEVES. 1980, s/p)

Os dizeres outrora defendidos em relação ao Flamengo, neste momento perdem intensidade e abrem espaço para que haja um redirecionamento do discurso referente ao clube “alvinegro”. Fazendo com que haja uma legitimação das propostas defendidas por Eric Hobsbawm (1997, p.09) quando o mesmo discute sobre a representatividade que as construções atribuem a seus objetos.

Figura 02 – Notícia referente à chegada do Botafogo-PB após a vitória sob o Flamengo



Fonte: A UNIÃO. 1980

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de toda representatividade que este evento simbolizou para os paraibanos, é notória a existência de uma relativa limitação no que se refere aos apanhados históricos daquela época, sendo sucintas as fontes que poderiam fundamentar um debate de maior amplitude.

Dentre outras razões, isto se estabelece por motivo da secundarização remetida a fatos como este; os quais nas décadas anteriores não eram apreciados pela história tradicional como sendo um acontecimento histórico. Apenas com o surgimento de um “novo” conceito de história é que, segundo Peter Burke (1992, p. 11) esta visão tende a se restringir:

A nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. [...] ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Daí a expressão ‘história total’, tão cara aos historiadores dos Annales.

Ainda de acordo com Burke (1992, p.11), somente nas últimas três décadas é que pudemos apreciar a emergência da história das idéias. Na qual várias histórias tiveram a oportunidade de serem debatidas e apreciadas; fazendo com que a história dos vencidos e até mesmo a do silêncio fosse analisada como “uma ‘construção cultural’ sujeita a variações , tanto no tempo quanto no espaço”.

Nas últimas décadas as “grandes” produções históricas foram cedendo espaço para produções que outrora não eram utilizadas como instrumento de análise e pesquisa. A história cultural, por exemplo, abriu um leque de novas possibilidades de abordagens onde a cultura popular recebeu ênfase, fazendo com que a história oficial se tornasse mais um ponto de vista e não o único ponto de vista para os historiadores.

Atualmente a história detém uma maior liberdade em fazer uso das mais diversas fontes, com o intuito de analisar diferentes prismas de visão, seja ele oficial ou não. Com isso, a abordagem da partida de futebol realizada em 06 de março de 1980, transpassa as entrelinhas de determinado tipo de história e manifesta-se como objeto de pesquisa para os mais diversos âmbitos; seja cultural, ideológico, social ou esportivo.

Por mais que lutemos arduamente para evitar os preconceitos associados a cor, credo, classe ou sexo, não poderemos evitar olhar o passado de um ponto de vista particular. O relativismo cultural obviamente se aplica, tanto a própria escrita da história, quanto a seus chamados objetos. Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra. (BURKE, 1992, p. 15)

A colocação de Peter Burke nos revela uma das coisas mais importantes para a realização da produção histórica, que é o fato de compreender que não existe parcialidade total neste âmbito, tendo em vista que a mesma é cristalizada por pessoas comuns, as quais são suscetíveis a falhas e limitações.

Desta maneira, as pesquisas e debates que emergiram ao longo desta produção não simbolizam a real dimensão das possibilidades discursivas que este tema proporciona a seus leitores. Tendo em vista que as vertentes que este recorte histórico trás consigo, transpassa a delimitação da conjuntura esportiva e se posiciona como objeto relevante para os mais diversos campos de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA:

A União: segundo caderno. João Pessoa. mar de 1980. s/p

BARBOSA, Sidney da Silva. **História do Futebol: linha do tempo.** 2009. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAA28kAC/memoria-identidade-social>. Acesso em: 12 set. 2011

BURKE, Peter. **A Escrita da História.** 1 ed. São Paulo: UNESP, 1992.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História.** 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASTRO, Ruy. **Flamengo: O vermelho e o Negro.** 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

Disponível em:

http://books.google.com/books?id=mrVCus_oePgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

COSTA, Guilherme. O futebol chegou ao Brasil em 1874. Artigo Jornal em 20 março de 2009. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/noticias/81/O+FUTEBOL+CHEGOU+AO+BRASIL+EM+1874.html>. Acesso em: 19 de agosto de 2011

FLORENTINO, E. Narração esportiva no rádio: subjetividade e singularidade do narrador. 2008. Professor da Fatea de Lorena. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. 2008.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das Tradições.** Tradução Celina Cardim Cavalcante. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

HELAL, Ricardo. **Uma tribo chamada Flamengo**. Artigo Jornal em 19 jul. 1992.
Disponível em: http://flamengonet.blogspot.com/2004_10_01_archive.html. Acesso em 19 de Agosto de 2011

KOWALSKI, Marizabel. **Por que Flamengo?**.2001. 392f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:
www.efdeportes.com/efd107/por-que-flamengo.pdf Acesso em: 29 de set 2011

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zagar Editores, 1968.

PENSAVENTO, Sandra Janaty. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. Estudos Históricos. **MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em
<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAA28kAC/memoria-identidade-social>. Acesso em: 12 set. 2011

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

SAMUEL, Português. In Bíblia Sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro : Encyclopédia Britânica, 1980. p. 264. Edição Ecumênica. Bíblia. A. T

SANDERSON C. OLIVEIRA. A crise financeira dos anos 80. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/308819.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2011.

TERRA, Lygia; AMORIM, Marcos Coelho. **O espaço natural e socioeconômico**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2005.